

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

**Índice**

A MUSA PRAGUEJADORA

QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAY ERRADO, E QUERENDO EMENDÂLO  
O TEM POR EMPREZA DIFFICULTOSA.

SANTIGUA-SE O POETA CONTRA OUTROS PATARATAS AVARENTOS, INJUSTOS,  
HYPOCRITAS, MURMURADORES, E POR VARIAS MANEIRAS VICIOSOS, O QUE  
TUDO JULGA EM SUA PÁTRIA.

EXPOEM ESTA DOUTRINA COM MIUDEZA, E ENTENDIMENTO CLARO, E SE  
RESOLVE A SEGUIR SEU ANTIGO DICTAME.

SACODE A OUTROS, QUE PECCAÇÃO NA PRESUNÇÃO, E ATREVIMENTO INDIGNO.

SATYRIZA O POETA ALLEGORICAMENTE ALGUNS LADRÕES, QUE MAIS SE  
ASSIGNALAVÃO NA REPUBLICA. ABOMINANDO A VARIEDADE, E O MODO DE  
PURTAR.

COM VISTA CLARA SACODE OS ENTREMETTIDOS, MENCIONANDO ALGUNS DE  
SEOS PATRICIOS, QUE MAIS O ENFADAVAM.

DEFENDE O POETA POR SEGURO, NECESSARIO, E RECTO SEU PRIMEYRO  
INTENTO SOBRE SATYRIZAR OS VICIOS.

EM TEMPO QUE GOVERNAVA ESTA CIDADE DA BAHIA O MARQUEZ DAS MINAS  
AJUIZA O POETA COM SUBTILEZA DE HOMEM SAGAZ, E ENTENDIDO O FOGO  
SELVAGEM, QUE POR MEYO DA URBANIDADE SE INTRODUZIO EM CERTA CASA.

CONTEMPLANDO NAS COUSAS DO MUNDO DESDE O SEU RETIRO, LHE ATIRA  
COM O SEU APAGE, COMO QUEM A NADO ESCAPOU DA TROMENTA.

TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISI.

## **8 - A MUSA PRAGUEJADORA**

E bem que os descantei bastante  
canto segunda vez na mesma lira  
o mesmo assunto, em plectro diferente.

Que a mudez canoniza bestas feras.  
Oh que cansado trago o sofrimento.

### **QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAY ERRADO, E QUERENDO EMENDÂLO O TEM POR EMPREZA DIFFICULTOSA.**

Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo  
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,  
Que as bestas andam juntas mais ornadas,  
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,  
Erra, quem presumir, que sabe tudo,  
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,  
Que é melhor neste mundo o mar de enganos  
Ser louco cos demais, que ser sisudo.

### **SANTIGUA-SE O POETA CONTRA OUTROS PATARATAS AVARENTOS, INJUSTOS, HYPOCRITAS, MURMURADORES, E POR VARIAS MANEIRAS VICIOSOS, O QUE TUDO JULGA EM SUA PÁTRIA.**

- 1 Destes, que campam no mundo  
sem ter engenho profundo,  
e entre gabos dos amigos  
os vemos em papa-figos  
sem tempestade, nem vento:  
Anjo Bento.
- 2 De quem com Letras secretas  
tudo, o que alcança é por tretas,  
baculejando sem pejo  
por matar o seu desejo  
dês de manhã até a tarde:  
Deus me guarde.
- 3 Do que passeia farfante  
muito prezado de amante,

por fora luvas, galões,  
insígnias, armas, bastões,  
por dentro pão bolorento:  
Anjo Bento.

- 4 Destes beatos fingidos  
cabisbaixos, encolhidos,  
por dentro fatais maganos,  
sendo nas caras uns Janos,  
que fazem do vício alarde:  
Deus me guarde.
- 5 Que vejamos teso andar,  
quem mal sabe engatinhar,  
mui inteiro, e presumido,  
ficando o outro abatido  
com maior merecimento:  
Anjo Bento.
- 6 Destes avaros mofinos,  
que põem na mesa pepinos  
de toda a iguaria isenta,  
com seu limão, e pimenta,  
porque diz que queima, e arde:  
Deus me guarde.
- 7 Que pregue um douto sermão  
um alarve, um asneirão,  
e que esgrima em demasia,  
quem nunca já na Sofia  
soube pôr um argumento:  
Anjo Bento.
- 8 Deste Santo emascarado,  
que fala do meu pecado,  
e se tem por Santo Antônio,  
mas em lutas co demônio  
se mostra sempre cobarde:  
Deus me guarde.
- 9 Que atropelando a justiça  
só com virtude postiça  
se premie o delinqüente,  
castigando o inocente  
por um leve pensamento:  
Anjo Bento.

**EXPOEM ESTA DOUTRINA COM MIUDEZA, E ENTENDIMENTO CLARO, E SE  
RESOLVE A SEGUIR SEU ANTIGO DICTAME.**

- 1 Que néscio, que era eu então,  
quando o cuidava, o não era,

mas o tempo, a idade, a era  
puderam mais que a razão:  
fiei-me na discricção,  
e perdi-me, em que me pes,  
e agora dando ao través,  
vim no cabo a entender,  
que o tempo veio a fazer,  
o que a razão nunca fez. .

- 2 O tempo me tem mostrado,  
que por me não conformar  
com o tempo, e co lugar  
estou de todo arruinado:  
na política de estado  
nunca houve princípios certos,  
e posto que homens espertos  
alguns documentos deram,  
tudo, o que nisto escreveram,  
são contingentes acertos.
- 3 Muitos por vias erradas  
têm acertos mui perfeitos  
muitos por meios direitos,  
não dão sem erro as passadas:  
cousas tão disparatadas  
obra-as a sorte importuna,  
que de indignos é coluna,  
e se me há de ser preciso  
lograr fortuna sem siso,  
eu renuncio à fortuna.
- 4 Para ter por mim bons fados  
escuso discretos meios,  
que há muitos burros sem freios,  
e mui bem afortunados:  
logo os que andam bem livrados,  
não é própria diligência,  
é o céu, e sua influência,  
são forças do fado puras,  
que põem mantidas figuras  
do teatro da prudência.
- 5 De diques de água cercaram  
esta nossa cidadela  
todos se molharam nela,  
e todos tontos ficaram:  
eu, a quem os céus livraram  
desta água fonte de asnia,  
fiquei são da fantasia  
por meu mal, pois nestes tratos  
entre tantos insensatos  
por sisudo eu só perdia.
- 6 Vinham todos em manada

um simples, outro doudete,  
este me dava um moquete,  
aquele outro uma punhada:  
tá, que sou pessoa honrada,  
e um homem de entendimento;  
qual honrado, ou qual talento?  
foram-me pondo num trapo,  
vi-me tornado um farrapo,  
porque um tolo fará cento.

- 7 Considerarei logo então  
os baldões, que padecia,  
vagarosamente um dia  
com toda a circunspeção:  
assentei por conclusão  
ser duro de os corrigir,  
e livrar do seu poder,  
dizendo com grande mágoa:  
se me não molho nesta água,  
mal posso entre estes viver.
- 8 Eia, estamos na Bahia,  
onde agrada a adulação,  
onde a verdade é baldão,  
e a virtude hipocrisia:  
sigamos esta harmonia  
de tão fátua consonância,  
e inda que seja ingnorância  
seguir erros conhecidos,  
sejam-me a mim permitidos,  
se em ser besta está a ganância
- 9 Alto pois com planta presta  
me vou ao Dique botar,  
e ou me hei de nele afogar,  
ou também hei de ser besta:  
do bico do pé à testa  
lavei as carnes, e os ossos:  
ei-los vêm com alvoroços  
todos para mim correndo.  
ei-los me abraçam, dizendo.  
agora sim, que é dos nossos.
- 10 Dei por besta em mais valer,  
um me serve, outro .me presta;  
não sou eu de todo besta,  
pois tratei de o parecer:  
assim vim a merecer  
favores, e aplausos tantos  
pelos meus néscios encantos,  
que enfim, e por derradeiro  
fui galo de seu poleiro,  
e lhes dava os dias santos.

- 11 Já sou na terra bem visto,  
louvado, e engrandecido,  
já passei de aborrecido  
ao auge de ser benquisto:  
já entre os grandes me alisto,  
e amigos são, quando topo,  
estou fábula de Esopo  
vendo falar animais,  
e falando eu que eles mais,  
bebemos todos num copo.
- 12 Seja pois a conclusão,  
que eu me pus aqui a escrever,  
o que devia fazer,  
mas que tal faça, isso não:  
decrete a divina mão,  
influem malignos fados,  
seja eu entre os desgraçados  
exemplo de desventura:  
não culpem minha cordura,  
que eu sei, que são meus pecados.

**SACODE A OUTROS, QUE PECCAVÃO NA PRESUNÇÃO, E ATREVIMENTO  
INDIGNO.**

- 1 Um vendelhão baixo, e vil  
de cornos pôs uma tenda,  
e confiado, em que os venda,  
corre por todo o Brasil:  
para mim de tantos mil  
lhe mandei, que me guardasse,  
se verdade não falasse  
em sobrosso, e com sojorno:  
Um corno.
- 2 Para o Alcaide ladrão  
com despejo, e com temor,  
que na mão leva o Doutor,  
na barriga a Relação:  
indo à casa de um Sansão  
entra audaz, e confiado,  
e faz penhora no estado  
da mulher, e seu adornos:  
dois cornos.
- 3 Para o escrivão falsário,  
que sem chegar-lhe à pousada,  
dando a parte por citada,  
dá fé, e cobra o salário:  
e sendo o feito ordinário,  
como corre à revelia,  
sai a sentença num dia  
mais amarga que piornos:  
três cornos.

- 4 Para o Julgador Orate  
ignorante, e fanfarrão,  
que sendo Conde de Unhão,  
já quer ser Marquês de Unhate:  
e por qualquer dou-te, ou dá-te  
resolve do invés um feito  
e assola a torto, e direito  
a cidade, e seus contornos:  
quatro cornos.
- 5 Para o Judas Macabeu,  
que porque na tribo estriba,  
foi de Capitão a Escriba,  
e de Escriba a Fariseu:  
pois no ofício se meteu  
a efeito só de comer,  
sufrágios, que em vez de os ter,  
quer antes arder em fornos:  
cinco cornos.
- 6 Para o bêbado mestiço,  
e fidalgo atravessado,  
que tendo o pernil tostado,  
cuida, que é branco castiço:  
e de flatos enfermiço  
se ataca de jeribita,  
crendo, que os flatos lhe quita,  
quando os vomita em retornos:  
seis cornos.
- 7 Para o Cônego observante  
todo o dia. e toda a hora,  
cuja carne é pecadora  
das completas por diante:  
cara de disciplinante,  
queixadas de penitente,  
e qualquer jimbo corrente  
serve para seus subornos:  
sete cornos.
- 8 Para as Damas da Cidade  
Branças, Mulatas, e Pretas,  
que com sortílegas tretas  
roubam toda a liberdade:  
e equivocando a verdade  
dizem, que são um feitiço,  
não o tendo em o cortiço  
tanto como caldos mornos:  
oito cornos.
- 9 Para o Frade confessor,  
que ouvindo um pecado horrendo  
se vai pasmado benzendo,  
fugindo do pecador:

e sendo talvez pior  
do que eu, não quer absolver-me,  
talvez porque inveja ver-me  
com tão torpes desadornos:  
nove cornos.

10 Para o Pregador horrendo,  
que a Igreja esturgindo a gritos,  
nem ele entende os seus ditos,  
nem eu também os entendo:  
e a vida, que está vivendo,  
é lá por outra medida,  
e a mim me giza uma vida  
mais amarga, que piornos:  
dez cornos.

11 Para o Santo da Bahia,  
que murmura do meu verso,  
sendo ele tão perverso,  
que a saber fazer faria:  
e quando a minha Talia  
lhe chega às mãos, e ouvidos  
faz na cidade alaridos,  
e vai gostá-la aos contornos:  
mil cornos.

**SATYRIZA O POETA ALLEGORICAMENTE ALGUNS LADRÕES, QUE MAIS SE  
ASSIGNALAVÃO NA REPUBLICA. ABOMINANDO A VARIEDADE, E O MODO DE  
PURRAR.**

Ontem, Nise, a prima noite  
vi sobre o vosso telhado  
assentados em cabido  
cinco, ou seis formosos gatos.  
Estava a noite mui clara  
fazia um luar galhardo,  
e porque tudo vos diga,  
estava eu em vós cuidando  
O Presidente, ou Deão  
na Cumeeira sentado  
era um gato macilento  
barbirruço, e carichato.  
Os demais em boa ordem  
pela cumeeira abaixo  
lavandeiros de si mesmos  
lavavam punhos, e rabos.  
Tão profundo era o silêncio,  
que não se ouvia um miau,  
e o Deão o interrompeu  
dando um mio acatarrado.  
Tossiu, tossiu, e não pôde  
articular um miau,  
que de puro penitente  
traz sempre o peito cerrado.



Eis que um gatinho reinol  
mui estítico, e mui magro  
relambido de feições,  
e de tono afalsetado:  
quis por primeiro falar,  
e falara em todo o caso,  
se outro gato casquiduro  
lhe não saíra aos embargos.  
Eu sou gato de um meirinho  
(disse) que pelos telhados  
vim fugindo a todo o trote  
do poder de um saibam-quantos.  
Com que venho a concluir,  
que servindo a tais dois amos,  
hei de falar por primeiro,  
porque sou gato dos gatos.  
Fale, disse o Presidente,  
pois lhe toca pro anciano;  
e ele tomando-lhe a vênia,  
foi o seu conto contando.  
Em casa deste Escrivão  
me criei com tal regalo,  
que os demais gatos da casa  
eram comigo uns bichanos.  
Mas cresci, e aborreci,  
porque se cumpra o adágio,  
que o oficial do mesmo ofício  
é inimigo declaraclo.  
Foi me tomando tal ódio,  
porque foi vendo, e notando,  
que era capaz eu de dar-lhe  
até no ofício um gataço  
Topou me em uns entreforros,  
e tirando-me porraços,  
eu lhe miava os narizes,  
quando ele me enchia os quartos  
Fugi, como tenho dito,  
e me acolhi ao sagrado  
de uma vara de justiça,  
que é valhacouto de gatos.  
Sai meu amo aos prendimentos,  
e eu fico em casa encerrado  
por caçador de balcões,  
onde jejuo o trespasso.  
Porque em casa de um meirinho  
nas suas arcas, e armários  
é quaresma toda a vida,  
e têmporas todo o ano.  
Não posso comer ratinhos,  
porque cuido, e não me engano  
que de meu amo são todos  
ou parentes, ou paisanos.  
Porque os ratinhos do Douro  
são grandíssimos velhacos:

em Portugal são ratinhos,  
e cá no Brasil são gatos.  
Eu sou gato virtuoso.  
que a puro jejum sou magro,  
não como, por não ter quê,  
não furto, por não ter quando  
E como sobra isto hoje,  
para me terem por Santo,  
venho pedir que me ponham  
no Calendário dos gatos.  
Acabada esta parlenda  
mui ético do espinhaço  
sobre a muleta das pernas  
se levantou outro gato:  
Dizendo: há anos, que sirvo  
na casa de um Boticário,  
que a récipe de pancadas  
me tem os bofes purgado.  
Queixa-se, que lhe comi  
um boião de unguento branco,  
e bebi-lhe a mesma noite  
um canjirão de ruibarbo.  
Diz bem, porque assim passou;  
mas eu fiquei tão passado  
como de tal solutivo  
dirá qualquer mata-sanos.  
Fiquei de humores exangue,  
tão escorrido, e exausto,  
que não sou gato de humor,  
porque nem bom, nem mau gasto.  
Suplico ao senhor Cabido,  
que de um homem tão malvado  
me vingue com ter saúde,  
por não gastar os emplastos.  
Apenas este acabou,  
quando se ergueu outro gato,  
e entoando o jube domine  
disse humilde, e mesurado:  
Meu amo é um bom Alfaiate  
gerado sobre um telhado  
na maior força do inverno,  
alcoviteiro dos gatos.  
É pardo rajado em preto,  
ou preto embutido em pardo,  
malhado, ou já malhadiço  
do tempo, em que fora escravo.  
Tão caçador das ourelas,  
tão meador de retalhos,  
que com onças de retrós  
brinca qual gato com ratos.  
E porque eu com dois fios  
joguei o sapateado,  
houve de haver por tão pouco  
uma de todos os diabos.

Estrugiu-me a puros gritos,  
e plantou-me no pedrado;  
ele pelo cabo é cão,  
e eu fiquei gato por cabo.  
Que de verdades dissera,  
a estar menos indignado!  
mas para falar de um cão  
é mui suspeito um gato.  
Pelo menos quando eu corto,  
nunca dobro a tela em quatro,  
por dar um colete ao demo,  
e outro a mim pelo trabalho.  
Nem menos peço dinheiro  
para retrós e o não gasto,  
porque o gavetão do cisco  
me dá o retrós necessário.  
Não cirzo côvado, e meio  
por dar um colete ao diabo,  
nem vendo de tela fina  
retalhinhos de três palmos.  
Tudo enfim se há de saber  
no universal cadafalso,  
que no tribunal de Deus  
não se estilam secretários  
Requeiro a vossas mercês;  
que me ponham com outro amo,  
porque com este hei de estar  
sempre como cão com gato.  
À vista deste Alfaiate  
disse o Cabido espantado.  
somos nós gatos mirins,  
que inda agora engatinhamos.  
O gato tome outro amo  
em qualquer convento honrado.  
seja Fundador Barbônio,  
ou Sacristão-mor do Carmo.  
A propósito do que  
se foi erguendo outro gato.  
e amortalhado de mãos  
armou os lombos em arco:  
E dizendo o jube domine  
se pôs em terra prostrado:  
e eu disse logo: me matem,  
se não é dos Franciscanos.  
Sou gato de refeitório,  
disse, há três ou quatro anos,  
pajem do refeitoreiro,  
do despenseiro criado.  
Fui Custódio da cozinha,  
e dei mal conta do cargo,  
porque sisando rações,  
fui guardião dos traçalhos.  
Eu era por outro tempo  
mui gordo, e mui anafado,

porque os da esmola então vinham  
despejar-me em casa os sacos.  
Mas hoje, que já da rua  
vêm cos bolsos despejados,  
veio a ser o refeitório  
uma Tebaida de gatos.  
Não pode o pão das esmolas  
manter tantos Remendados,  
que em lhe manter as amigas  
(sendo infinitas) faz arto.  
Dei com isto entisicar-me,  
e esburgar-me do espinhaço,  
não tanto já de faminto,  
quanto de escandalizado.  
Não posso viver entre homens,  
que se remendam seus panos,  
é mais por nos enganar,  
que porque lhes dure o ano.  
E hoje, que na casa nova  
gastam tantos mil cruzados,  
são gatos de maior dura,  
pois de pedra, e cal são gatos.  
Palavras não eram ditas,  
quando zunindo, e silvando  
sentiram pelas orelhas  
um chuvaire de bastardos.  
E logo atrás disso um tiro  
de um bacamarte atacado,  
que disparou de um quintal  
um malfazejo soldado  
Descompôs-se a audiência,  
e cada qual por seu cabo  
pela campanha dos ares  
foram de telha em telhado.  
E depois que légua e meia  
tinha cada qual andado,  
parando, olharam atrás  
atônitos e assustados.  
E vendo-se desunidos,  
confusos, desarranchados,  
usaram de contra-senha  
miau aqui, ali, miau.  
Mas depois, que se juntaram,  
disse uma gato castelhano,  
cada qual a su cabana,  
que hoje de boa escapamos,  
Chuviscou naquele instante,  
e safaram-se de uma salto,  
porque sempre da água fria  
tem medo o gato escaldado.

**COM VISTA CLARA SACODE OS ENTREMETTIDOS, MENCIONANDO ALGUNS DE SEOS PATRICIOS, QUE MAIS O ENFADAVAM.**

A várias pessoas

- 1 Como nada vêem  
e andam sempre aos tombos  
querem os mazombos  
que eu cegue também:  
não temo ninguém,  
e se os matulões  
hão medo a prisões,  
eu sou de carona:  
forro minha cona
  
- 2 Olhem para a terra  
que está nestes anos  
gafa de maganos  
que El-Rei o desterra:  
O pano da Serra  
em sedas trocou  
quem lá sempre andou  
em uma atafona:  
forro minha cona
  
- 3 Verão um sandeu  
que quer sem disputa  
ser filho da puta,  
por não ser judeu:  
se hábitos perdeu  
por ser cristão-novo,  
a mim todo o povo  
de velho me abona:  
forro minha cona
  
- 4 Aquele é de ver,  
que apuros aqueles  
explica por eles,  
quanto quer dizer:  
Não posso sofrer  
que um tangarumanga  
use de pendanga  
com língua asneirona:  
forro minha cona
  
- 5 Verão um jumento  
de figura rara,  
que anda sempre a vara,  
por lhe darem vento:  
Notável portento  
neste tal se enxerga,  
pois trás a chomberga  
a barba capona:

forro minha cona

- 6 Verão um vilão  
na dona montanha  
farto de castanha  
faminto de pão:  
e se bem à mão  
com bois e arado  
cultivou o prado  
de Flora, e Pamona:  
forro minha cona
- 7 Clérigo verão  
que porque em Cantabra  
nasceu de uma cabra  
cresceu a cabrão:  
Tão fino ladrão  
que até a filha alheia  
com ser cananéia  
furta à mãe putona:  
forro minha cona
- 8 Verão um Doutor  
em Judá nascido  
mais entremetido  
que um grande fedor:  
Grande assistidor  
de Igreja festeira,  
que ao longe lhe cheira  
como mangerona:  
forro minha cona
- 9 Verão um Galego  
grande salvajola,  
veste à mariola,  
anda ao palacego:  
Fidalgo Noroego  
em cruz de Calvário,  
que um certo falsário  
nos peitos lhe entona:  
forro minha cona
- 10 Verão um inocente,  
que a fidalgo vai  
e calando o pai  
a mãe diz somente:  
A este impertinente  
lembro-lhe o Godim  
do pai matachim,  
e a mãe vendilhona:  
forro minha cona
- 11 Verão um pasguate  
monstro de ouro, e prata,

que sendo uma pata,  
é filho de um gato:  
A renda de um trato  
pôs por seu regalo  
um burro a cavalo  
de sela mamona:  
forro minha cona

12 Entre outros ladrões  
verão um letrado  
na mente graduado  
de quatro asneirões:  
Na cara pontões  
na idéia nem ponto,  
e ou tonto, ou não tonto,  
de rico blasona:  
forro minha cona

13 Verão um alvar  
fidalgo tendeiro,  
que o pai sapateiro  
lhe fez o solar:  
Cônego ultramar  
por duas patacas  
ferrou ontem atacas  
e hoje se entona:  
forro minha cona

14 Verão outro Zote,  
a quem Satanás  
por culpas de atrás  
fará galeote:  
O tal sacerdote  
só prega a doutrina  
da lei culatrina,  
que ensina, e abona:  
forro minha cona

15 Verão um Guinéu  
moço assalvado  
fidalgo estirado  
por quedas, que deu:  
O Góis lhe meteu  
sogro do seu jeito  
a torto, e direito  
nobreza sevona:  
forro minha cona

16 Verão um Gavacho  
com sede tamanha,  
que a palma se ganha  
ao maior borracho:  
Beca sem empacho  
que no mar caiu,

e o mar lhe fugiu  
por ser borrachona:  
forro minha cona

17 Verão outrossim  
entregue ao diabo  
um esfolo-rabo  
pobre colomim:  
Mau vilão, ruim,  
duas caras trás  
ambas muito más  
que tudo inficiona:  
forro minha cona

18 Verão borundangas  
que o mundo podia  
vender à Bahia  
três mil bugigangas:  
Figurões de mangas  
que não vi em meus dias  
nas tapeçarias  
de Rasa e Pamplona:  
forro minha cona.

**DEFENDE O POETA POR SEGURO, NECESSARIO, E RECTO SEU PRIMEYRO  
INTENTO SOBRE SATYRIZAR OS VICIOS.**

Eu sou aquele, que os passados anos  
cantei na minha lira maldizente  
torpezas do Brasil, vícios, e enganós.

E bem que os decantei bastantemente,  
canto segunda vez na mesma lira  
o mesmo assunto em plectro diferente.

Já sinto, que me inflama, ou que me inspira  
Talia, que Anjo é da minha guarda,  
Dês que Apolo mandou, que me assistira.

Arda Baiona, e todo o mundo arda,  
Que, a quem de profissão falta à verdade,  
Nunca a Dominga das verdades tarda.

Nenhum tempo excetua a Crístandade  
Ao pobre pegureiro do Parnaso  
Para falar em sua liberdade.

A narração há de igualar ao caso,  
E se talvez ao caso não iguala,  
Não tenho por Poeta, o que é Pegaso.

De que pode servir calar, quem cala,  
Nunca se há de falar, o que se sente?  
Sempre se há de sentir, o que se fala!



Qual homem pode haver tão paciente,  
Que vendo o triste estado da Bahia,  
Não chore, não suspire, e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:  
Discorre em um, e outro desconcerto,  
Condena o roubo, e increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,  
Que não elege o bom, meu mau reprova,  
Por tudo passa deslumbrado, e incerto.

E quando vê talvez na doce trova  
Louvado o bem, e o mal vituperado,  
A tudo faz focinho, e nada aprova.

Diz logo prudentaço, e repousado,  
Fulano é um satírico, é um louco,  
De língua má, de coração danado.

Néscio: se disso entendes nada, ou pouco,  
Como mofas com riso, e algazarras  
Musas, que estimo ter, quando as invoco?

Se souberas falar, também falaras,  
Também satirizaras, se souberas,  
E se foras Poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras  
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,  
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,  
Outros há comedidos de medrosos,  
Não mordem outros não, por não ter dentes.

Quantos há, que os telhados têm vidrosos,  
E deixam de atirar sua pedrada  
De sua mesma telha receosos.

Uma só natureza nos foi dada:  
Não criou Deus os naturais diversos,  
Um só Adão formou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos preversos,  
Só nos distingue o vício, e a virtude,  
De que uns são comensais, outros adversos.

Quem maior a tiver, do que eu ter pude,  
Esse só me censure, esse me note,  
calem-se os mais, chitom, e haja saúde.

**EM TEMPO QUE GOVERNAVA ESTA CIDADE DA BAHIA O MARQUEZ DAS MINAS  
AJUIZA O POETA COM SUBTILEZA DE HOMEM SAGAZ, E ENTENDIDO O FOGO  
SELVAGEM, QUE POR MEYO DA URBANIDADE SE INTRODUZIO EM CERTA CASA.**

- 1 Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias,  
quero das culteranias  
hoje o hábito enforçar:  
de que serve arrebentar,  
por quem de mim não tem mágoa?  
verdades direi como água,  
porque todos entendais  
os ladinos, e os boçais  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?
- 2 O falar de intercadência  
entre silêncio, e palavra,  
crer, que a testa se vos abra,  
e encaixar-vos, que é prudência:  
alerta homens de Ciência,  
que quer o Xisgaravis,  
que aquilo, que vos não diz  
por lho impedir a rudeza,  
avaliéis madureza,  
sendo ignorância traidora.  
Entendeis-me agora?
- 3 Se notais ao mentecapto  
a compra do Conselheiro,  
o que nos custa dinheiro,  
isso nos sai mais barato:  
e se da mesa do trato,  
de bolsa, ou da companhia  
virdes levar Senhoria  
mecânicos deputados;  
crede, que nos seus cruzados  
sangue esclarecido mora.  
Entendeis-me agora?
- 4 Se hoje vos fala de perna,  
quem ontem não pôde ter  
ramo, de quem descender  
mais que o da sua taverna:  
tende paciência interna,  
que foi sempre D. Dinheiro  
poderoso Cavalheiro,  
que com poderes iguais  
faz iguais aos desiguais,  
e Conde ao vilão cad'hora.  
Entendeis-me agora?

- 5 Se na comédia, ou sainete  
virde, que um D. Fidalgote  
lhe dá no seu camarote  
a xícara de sorvete:  
havei dó do coitadete,  
pois numa xícara só  
seu dinheiro bebe em pó,  
que o Senhor (cousa é sabida)  
lhe dá a chupar a bebida,  
para chupá-la num'hora.  
Entendeis-me agora?
- 6 Não reputeis por favor,  
nem tomeis por maravilha  
vê-lo jogar a espadilha  
co Marquês, co grão Senhor:  
porque como é perdedor,  
e mofino adredemente,  
e faz um sangue excelente  
a qualquer dos ganhadores,  
qualquer daqueles Senhores  
por fidalgo igual o adora.  
Entendeis-me agora.

**CONTEMPLANDO NAS COUSAS DO MUNDO DESDE O SEU RETIRO, LHE ATIRA  
COM O SEU APAGE, COMO QUEM A NADO ESCAPOU DA TROMENTA.**

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:  
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:  
Com sua língua ao nobre o vil decepa:  
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
Quem menos falar pode, mais increpa:  
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por Tulipa;  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:  
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,  
E mais não digo, porque a Musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

**TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISI.**

- 1 Que ande o mundo mascarado  
jogando conosco o entrudo,  
e que cada qual sisudo  
ande atrás dele esgalgado!  
que nenhum desenganado  
este patifão conheça,

e que lhe quebre a cabeça  
para ter dele vitória!  
Boa história.

- 2 Mas que alguns queiram viver  
vida tão bruta, e tão fera,  
como que se não houvera  
mais que nascer, e morrer:  
que estes mesmos queiram ser  
tão nobres, tão absolutos,  
como desbocados brutos  
correndo pela carreira!  
Boa asneira.
- 3 Que haja turcos belicosos  
filhos da perversidade,  
havendo na cristandade  
Monarcas tão poderosos:  
que não se juntem zelosos  
para prostrar seus furores,  
mandando-se embaixadores  
de eloqüência persuasória!  
Boa história.
- 4 Mas que haja com mais extremos  
entre cristãos batizados  
sacrílegos, renegados,  
ímpios, judeus, e blasfemos:  
que algum cristão (como vemos)  
dos tais seja muito amigo,  
tendo tão grande perigo  
de pagar-se-lhe a manqueira!  
Boa asneira.
- 5 Que tantas almas pereçam  
hoje entre gentios vários,  
por não haver Missionários,  
que em convertê-los mereçam:  
que muitos não se ofereçam  
para esta santa conquista,  
bem que o inferno o resista  
com sugestão dissuasória!  
Boa história.
- 6 Mas que muitos professores  
da lei católica, e santa  
se metam pela garganta  
dos infernos tragadores:  
que por uns tristes amores,  
ou por uns negros tostões  
vão para eternos tições  
lá na hora derradeira!  
Boa asneira.

- 7 Que muitos salvar-se esperem,  
os bens alheios devendo,  
e uma ocasião retendo,  
porque emendar-se não querem:  
e que jamais considerem,  
que deixar a ocasião  
é para uma confissão  
circunstância obrigatória:  
Boa história.
- 8 Mas que quando alguns resolvam  
confessar os seus delitos,  
que hajam tantos imperitos  
confessores, que o absolvam:  
que com eles se revolvam  
no estígio, que mereceram,  
porque estes tais absolveram  
sem disposição inteira:  
Boa asneira.
- 9 Que no estado secular,  
onde houve mais de mil Santos,  
haja hoje tantos, e tantos,  
que se não sabem salvar:  
que estes não queiram cuidar  
na celestial ventura,  
havendo uma pena dura,  
eterna, e cominatória!  
Boa história.
- 10 Mas que nas Religiões  
alguns Frades maus Letrados  
sejam de Deus reprovados  
pelas suas eleições:  
que andam com perturbações  
por amor das prelações,  
e depois de breves dias  
se acham na estígia caldeira  
Boa asneira.
- 11 Que algum Frade, que se cobre  
na santa comunidade,  
no tempo, que é pobre frade,  
não queira ser frade pobre:  
que ao mesmo tempo lhe sobre  
o dinheiro equivalente  
para alcançar facilmente  
a valia impetratória!  
Boa história.
- 12 Mas que um Frade de mais fundo  
por causa de certos mandos  
se queira meter em bandos,  
qual se fora vagabundo:

que podendo ir cá do mundo  
ao céu vestido, e calçado,  
vá descalço, e remendado  
para uma infernal Leoneira!  
Boa asneira.

- 13 Que haja pregador noviço,  
que estude alheios sermões,  
só para juntar dobrões,  
porque os ajunta por isso:  
que cuide muito remisso,  
que poderá bem pregar  
sem teologia estudar,  
ou sem saber a oratória!  
Boa história.
- 14 Mas que haja mais pregadores,  
que estudando resolutos,  
não tratem de colher frutos,  
porém só de escolher flores:  
que sendo estes tais doutores  
preguem conceitos galantes,  
bem como os representantes  
na comédia prazenteira?  
Boa asneira.
- 15 Que os rústicos montanheses  
não saibam nunca a doutrina,  
porque também nunca a ensina  
o Pároco a seus fregueses:  
que lhes diga muitas vezes  
patranhas, e histórias tantas,  
mas nunca as palavras santas,  
e a doutrina exortatória!  
Boa história.
- 16 Mas que Amariles mui vã  
saiba muito bem de cor,  
toda a cartilha de amor,  
não a doutrina cristã:  
que se vá pela manhã  
na quaresma à confissão,  
e por não sabê-la então  
vá para casa à carreira!  
Boa asneira.
- 17 Que o Juiz pelo respeito  
profira a sentença absorto,  
fazendo o direito torto,  
mas isto a torto, e direito:  
que cuide, que pode o feito  
no agravo, ou na apelação  
melhorar na Relação  
só pela conservatória!

Boa história.

- 18 Mas que o Juiz da ciência  
por causa de alguns respeitos  
não faça exame nos feitos,  
por forrar o da consciência:  
que o tal com muita insolência  
por descuido, ou por preguiça  
não reforme esta injustiça  
da sentença lisonjeira!  
Boa asneira.
- 19 Que Juizes mentecaptos  
sabendo jurisprudência  
castiguem uma inocência  
como fez Pôncio Pilatos:  
que para certos contratos  
o réu, que a si se condena  
absolvam de culpa, e pena  
com uma interlocutória!  
Boa história.
- 20 Mas que outros com vozes mudas  
levados da vil cobiça  
vendam a mesma justiça,  
como a vendeu o mau Judas:  
que com razões tartamudas  
indo de mal em pior  
não dêem conta ao confessor  
da sentença trapaceira!  
Boa asneira.
- 21 Que o Letrado lisonjeiro  
venda, fazendo negaças  
em almoeda as trapaças,  
e por muito bom dinheiro:  
que diga, que é verdadeiro  
porque tem famosas partes  
pelas suas grandes artes,  
pela cota dilatória!  
Boa história.
- 22 Mas que o Ministro o suporte,  
porque isto na alçada cabe,  
ou pelo que ele só sabe,  
tantas dilações não corte:  
que primeiro chegue a morte,  
e o júizo universal,  
do que a sentença final  
de uma demanda ligeira!  
Boa asneira.
- 23 Que haja causas inda assim  
na Legacia piores,

porque entre réus, e entre autores  
são causas, que não têm fim:  
que se conseguis o fim  
de vir em breve um rescrito,  
o tempo seja infinito,  
e eterna uma compulsória!  
Boa história.

- 24 Mas que alguns com tal porfia  
queiram com raivas internas,  
sendo a parte por eternas  
demandas na Legacia:  
que hajam muitos cada dia,  
que gastem seus benefícios  
simples nestes exercícios  
trepando uma, e outra ladeira!  
Boa asneira.
- 25 Que haja Escrivães que mal lêem  
Letra, que bem se soletra,  
e que fazendo má Letra,  
contudo escrevem mui bem:  
que a este dando o parabém  
as alvíssaras lhe peçam,  
e a estoutro logo despeçam  
com ficção consolatória!  
Boa história.
- 26 Mas que haja algum, que trabalha  
toda a vida sem proveito,  
e que logo faça um pleito  
sobre dá cá aquela palha:  
que queira em civil batalha  
perder a fazenda, e vida  
nas trapaças consumida,  
com quem lhe faz a moedeira!  
Boa asneira.
- 27 Que andam muitos em conjuro  
para cometerem vícios,  
roubando nos seus ofícios,  
e com cartas de seguro,  
que estes, dos quais eu murmuro,  
não vão todos a enforçar,  
só porque sabem roubar  
com sua astúcia notória!  
Boa história.
- 28 Mas que andem muitos espertos  
esganados como galgos,  
por parecerem fidalgos,  
sendo ladrões encobertos:  
que estando estes mesmos certos,  
que os conhecem muito bem,



não se lhes dêem de ninguém,  
nem isto lhes dê canseira!  
Boa asneira.

- 29 Que haja médicos, que tratam  
só de jogos, e de amores,  
sendo como os caçadores,  
que vivem só, do que matam:  
que estes, que não se recatam,  
venham com pressa esquisita,  
vão-se, e está feita a visita  
depois da purga expulsória!  
Boa história.
- 30 Mas que outros, que põem à raça,  
e se prezam de estafermos,  
não o tomando aos enfermos,  
só tomem o pulso à casa:  
que haja enfermo, que se abrasa  
em febre, e dores mortais,  
e que se cure com tais,  
que só estudam na frasqueira!  
Boa asneira.
- 31 Que haja Poetas ocultos  
nas sombras da poesia,  
fugindo da luz do dia.  
e que estes se chamem cultos;  
que sendo loucos, e estultos,  
por natural tenebrosos  
queiram, que os chame lustrosos  
a fama celebratória!  
Boa história.
- 32 Mas que muitos os defendam  
pelos seus gênios bem raros  
chamando-os belos, preclaros,  
suposto que os não entendam:  
que os tais imitar pretendam  
a poesia de Angola,  
cuja catanga os consola,  
qual mandioca negreira!  
Boa asneira.
- 33 Que haja muitos pertendentes,  
só porque têm prendas boas  
nas arcas, não nas pessoas,  
que a todos fazem presentes:  
que consigam diligentes,  
quanto quer o seu intento,  
por lhes dar merecimento  
a carta condenatória!  
Boa história.

- 34 Mas que outros mil alentados,  
que andaram pelas campanhas  
fazendo muitas façanhas,  
andem tão esfrangalhados:  
que sendo uns pobres coitados  
queiram pertender também,  
não se lhes dando a ninguém,  
que andassem pela fronteira!  
Boa asneira.
- 35 Que um marido perdulário  
perca o dote da mulher,  
e depois de pouco ter,  
gaste mais do necessário:  
que se ponha temerário  
depois a gritar com ela,  
fazendo-lhe a remoela  
com a praga imprecatória!  
Boa história.
- 36 Mas que outro com tanto estudo  
ame a mulher, que lhe agrada,  
que o marido mande nada,  
mas que a mulher mande tudo:  
que se ponha mui sisudo  
em casa a lisonjeá-la,  
e que depois vá gabá-la  
a seus amigos na feira!  
Boa asneira.
- 37 Que um pai a seu filho ensine  
a ser vingativo, e vão,  
porém nunca a ser cristão,  
nem na cartilha o doutrine:  
que o tal Pai se determine  
a levá-lo por seu rogo  
rapaz à casa do jogo  
a pôr-se na pasmatória!  
Boa história.
- 38 Mas que outro mais esquisito,  
se o filho só andar ousa,  
o permita: é bela cousa!  
Sendo rapaz: é bonito!  
que o deixe de pequenito  
andar em más companhias  
para que ele em breves dias  
vá cair na ratoeira!  
Boa asneira.
- 39 Que o Pai pela descendência  
do filho, ou do seu aumento  
meta a filha num convento  
freira da conveniência:

que não faça consciência,  
se a casá-la o persuade,  
de lhe forçar a vontade,  
e com ordem peremptória!  
Boa história.

- 40 Mas que o Pai, que filha tem  
única, a não vá casar,  
por se não desapossar,  
se dote lhe pede alguém:  
que faça com tal desdém,  
que a filha ande às furtadelas  
buscando pelas janelas  
alguém, que traz cabeleira!  
Boa asneira.
- 41 Que os Pais andem pelos cantos  
namorando de contínuo,  
e queiram com este ensino  
que os seus filhos sejam Santos:  
que eles então façam prantos,  
se os vêem mortos numa briga,  
vindo de casa da amiga,  
e da amante parlatória!  
Boa história.
- 42 Mas que haja Pais de tal sorte,  
que seu filho o quer roubar,  
o não deixem castigar  
para escarmento da Corte:  
que se o Ministro de porte  
o quer desterrar, então,  
o Pai chorando o perdão  
lhe solicite, e requeira!  
Boa asneira.
- 43 Que Mãe desde pequenina  
ensine a filha a ser vã,  
não a doutrina cristã,  
sendo cristã sem doutrina:  
que a costume de menina  
à moda, ao donaire, à gala,  
e lhe ensine por amá-la  
até cantiga amatória!  
Boa história.
- 44 Mas que outra Mãe sem cautela  
a filha crie com vício  
sem outro algum exercício  
mais, do que o pôr-se à janela:  
que queira, que uma donzela  
seja honesta, e recolhida,  
quando não tem outra vida  
mais do que ser janeleira!

Boa asneira.

- 45 Que alguns queiram Senhora,  
quando aos tais (como se vê)  
o tratá-los de mercê  
fora muita cortesia:  
que ande pois a fidalguia  
vendida assim por dinheiro,  
só porque há nisso vanglória!  
Boa história.
- 46 Mas que outros tendo tostões  
pelo jogo, ou pela dama  
arrastados pela lama  
andam como uns pedinchões:  
que gastassem seus dobrões,  
porque quiseram jogar,  
e só para namorar  
com a patifa terceira!  
Boa asneira.
- 47 Que alguns tanto por seu mal  
vistam (por não ser comuns)  
de altos, e ricos tissuns,  
destruindo o cabedal:  
que com porfia fatal  
se mostram nisso empenhados,  
sendo a noite os seus guisados  
azeitonas, e chicória!  
Boa história.
- 48 Mas que outros mil à porfia  
por toda a vida o dinheiro  
ajuntem, que o seu herdeiro  
há de gastar num só dia:  
que andem com melancolia  
sem comer, e sem cear  
para poder ajuntar  
todos cheios de lazeira!  
Boa asneira.
- 49 Que haja muitos ateístas,  
que pelos costumes seus  
não crêem, no que disse Deus  
pelos quatro Evangelistas:  
que só vivam Dogmatistas,  
cuidando por seu prazer,  
que há só nascer, e morrer,  
não crendo no inferno, e glória!  
Boa história.
- 50 Mas que outros (como se vê)  
sejam com hipocrisia  
só cristãos por cortesia,

ou fiéis de meia-fé:  
que inda que febre lhes dê,  
não tratem da confissão,  
cuidando, que escaparão  
com a amiga à cabeceira!  
Boa asneira.

51 Que alguns fantásticos vãoos,  
aos quais o vício consome,  
sendo só cristãos no nome,  
queiram nome de cristãos:  
que aos céus levantando as mãos  
esperam com muita fé,  
que Deus os salve, sem que  
obra tenham meritória!  
Boa história.

52 Mas que hipócritas sandeus  
andem rezando, e no cabo  
a todos leve o diabo  
pelo caminho de Deus:  
que pelos rosários seus  
queiram ser homens de conta,  
sem cuidar na estreita, e pronta,  
que hão de dar da vida inteira!  
Boa asneira.

53 Que haja certas mercancias  
não de cousas temporais  
mas de outras espirituais,  
que se chamam simonias:  
que haja, quem todos os dias  
com modo tão peregrino  
seja Ladrão ao divino  
com tão falsa narratória!  
Boa história.

54 Mas que o rico prebendado  
que postilou nas escolas,  
não pague as suas esmolos  
ao pobre necessitado:  
que por amor do Cunhado,  
ou por causa dos Sobrinhos  
venha a cair de focinhos  
na sempiterna esterqueira!  
Boa asneira.

55 Que o riso despreze o pobre,  
só porque tem mais vinténs,  
sendo o pobre inda sem bens  
talvez mais honrado, e nobre:  
que por ter dois réis de cobre,  
se finja, que vem dos Godos,  
quando conhecemos todos,

que é de estirpe pescatória!  
Boa história.

- 56 Mas que o pobre, que não tem,  
que comer, ou que gastar,  
nem tem sangue, nem solar,  
seja soberbo também:  
que não tenha um só vintém,  
e se inche como pirum,  
conhecendo cada um,  
que fora a Mãe taverneira!  
Boa asneira.
- 57 Que alguns tanto a gastar venham  
na vida de toda a sorte,  
que depois chegando a morte,  
com que enterrar-se não tenham:  
com estes tais, que assim se empenham  
em todo o gosto, e prazer,  
não cuidem, que hão de morrer,  
nem tenham disso memória!  
Boa história.
- 58 Mas que outros com muita lida  
edifiquem mausoléus,  
mas não morada nos céus,  
vão na morte, e vão na vida:  
que a soberba sem medida  
fique em pedras estampada,  
e a pobre da alma coitada  
que perneie na fogueira!  
Boa asneira.
- 59 Que aqueles, que não têm renda,  
e usam porém de tramóias,  
possuam telas, e jóias,  
como o que tem a comenda:  
que com estes não se entenda,  
inda que estejam culpados,  
mas que sejam celebrados  
na lisonja laudatória!  
Boa história.
- 60 Mas que outros com muitos bens  
andem (não sei como o diga)  
com a sela na barriga  
sem ter um par de vinténs:  
que padecendo vaivéns  
gastem tudo como tolos,  
e em doces, e bolinhos  
despejem sua algibeira!  
Boa asneira.

- 61 Que os lisonjeiros sem leis  
nos palácios muito prontos  
aos Reis se vão com mil contos,  
por ter mil contos de réis:  
que sendo pouco fiéis  
tenham glória, e tenham graça  
com tão verdadeira traça,  
e mentira adulatória!  
Boa história.
- 62 Mas que o pobre jovial  
chocarreiro de vis traças  
queira com fingidas graças  
entrar na graça Real:  
que quando ele nada val,  
entre assim no valimento,  
para o seu requerimento  
com a gracinha grosseira!  
Boa asneira.
- 63 Que haja ingratos descuidados,  
os quais nunca as graças dão  
do benefício, ou pensão,  
sendo uns beneficiados:  
que estes andem retirados,  
de quem lhes faz tanto bem,  
porque as graças lhe não dêem,  
que é lei remuneratória!  
Boa história.
- 64 Mas que outros muito piores  
(quando tal lhes não merecem)  
finjam, que eles não conhecem  
os seus mesmos benfeitores:  
que tendo alguns acredores  
queiram livrar do perigo  
pelo benfeitor antigo  
com a súplica embusteira!  
Boa asneira.
- 65 Que haja muitos, que se pintam  
de verdadeira piedade,  
os quais falando verdade,  
nunca falam, que não mintam:  
que estes mesmos não consintam,  
que os enganem, mas primeiros  
se intitulam verdadeiros  
com mentira defensória!  
Boa história.
- 66 Mas que tenham fatal ira,  
se os apanham, tendo pronta  
a verdade por afronta,  
e por crédito a mentira:

que com raiva, que delira,  
façam na razão teimosa  
a verdade mentirosa,  
e a mentira verdadeira!  
Boa asneira.

- 67 Que juradores parleiros  
hajam, que sem medo algum  
pela manhã em jejum  
comam diabos inteiros:  
que eles sejam os primeiros  
(bem que a verdade não digam)  
que o bom crédito consigam  
para toda a rogatória!  
Boa história.
- 68 Mas que haja algum, que imprudente  
dê crédito a seus clamores,  
vendo, que são juradores,  
pois quem mais jura mais mente:  
que logo tão facilmente  
se creia com tal loucura,  
o que dizem, sendo a jura  
da mentira pregoeira!  
Boa asneira.
- 69 Que haja muitos, que murmurem  
daqueles, que estão ausentes,  
e os que ali se acham presentes,  
que calados os aturem:  
que advertidos não procurem  
mudar de conversação  
fugindo à murmuração  
de uma língua infamatória!  
Boa história.
- 70 Mas que outros mil sem receios  
não vejam por ter antolhos  
a grande trave em seus olhos,  
vendo a palha nos alheios:  
que estando estes próprios cheios  
de lepra, com que se tingem,  
olhem para a alheia impingem,  
tendo tão grande coceira!  
Boa asneira.
- 71 Que versistas a milhares  
queiram só por seu regalo  
andar no alado cavalo,  
devendo ser alveitares:  
que intentem por singulares  
todo o aplauso, que mais campa,  
e depois saiam na estampa  
com uma destampatória!



Boa história.

- 72 Mas que estes de tão má veia,  
quando a ignorância lhes sobra,  
saindo mal da sua obra,  
se metam em obra alheia:  
que quando essoutra recreia,  
por inveja a satirizem,  
e que todo o mundo avisem  
da sátira frioleira!  
Boa asneira.
- 73 Que haja mil de escornicoques,  
que com satíricos modos  
zingando estejam de todos:  
e que não temam mil coques:  
que falando com remoques,  
eles não queiram ser tidos  
por toleirões, e atrevidos,  
tendo uma língua irrisória!  
Boa história.
- 74 Mas que outros muitos Orates  
da venerável igreja  
façam casa de cerveja  
com risos, e disparates:  
que pareçam bonifrates,  
as cabeças meneando,  
e acenem de quando em quando  
à Dama, que está fronteira!  
Boa asneira.
- 75 Que alguém junte cabedais  
para testar, o que em breve  
diga: o diabo te leve,  
porque não deixastes mais:  
e que, a quem com razões tais  
ao diabo os encomenda  
deixe este a sua fazenda  
a principal, e acessória!  
Boa história.
- 76 Mas que outro rico avarento  
(bem que ouro, e prata lhe sobre)  
não saiba dar nada ao pobre  
com moedas cento a cento:  
que deixe em seu testamento  
tudo ao mais rico vizinho,  
ou quando muito ao Sobrinho,  
para andar numa liteira!  
Boa asneira.

- 77 Que haja muitos, que às centenas  
entre os amigos, e sócios  
façam bem os seus negócios,  
cometendo mil onzenas:  
que conhecendo-se as penas,  
que pelo direito têm,  
não os demande ninguém  
cuma carta citatória!  
Boa história.
- 78 Mas que o outro em confiança  
diga, que vende o seu trigo  
mais barato a seu amigo,  
metendo-lhe então a lança:  
que o tal lhe faça a fiança  
por ser amigo leal,  
roubando-lhe o cabedal  
essa amizade onzeneira!  
Boa asneira.
- 79 Que haja, quem faltando às Leis  
seja traidor por um rogo,  
não se lhe dando no jogo  
nem de Roques, nem de Reis:  
que tenha ambições cruéis  
sabendo, que inda que cresça,  
não levantará cabeça  
pela lei impetratória!  
Boa história.
- 80 Mas que inda que se atropelle,  
e de tal se não desvie,  
que haja, quem dele se fie,  
e quem se troça por ele:  
que não tema a sua pele  
vendo, que lha surraram  
só pela sua ambição  
tão fatal, e interesseira!  
Boa asneira.
- 81 Que haja muitos pandilheiros,  
os quais às mil maravilhas  
saibam fazer as pandilhas,  
que em Castela são fulheiros:  
que só por interesseiros  
sejam ladrões mui honrados,  
mas nunca são enforcados,  
porque isso é graça ilusória!  
Boa história.
- 82 Mas que outros sabendo bem  
que há no jogo esta destreza,  
só por uma sutileza  
entreguem tudo, o que têm:

que o cabedal todo dêem  
ao tal, que nesta conquista  
os está roubando a vista  
despacio, mais à ligeira!  
Boa asneira.

- 83 Que andem muitos namorados  
qual ave de rama em rama  
atrás de uma, e outra Dama  
morrendo por seus pecados:  
que por ter estes cuidados  
andem toda a noite escura  
só por dizer com ternura  
à Dama a jaculatória!  
Boa história.
- 84 Mas que alguém pague às espias  
para ter Freiras devotas,  
e depois de mil derrotas  
ande pelas portarias:  
que ande este todos os dias  
com cargas, e sem carreto,  
e tendo-se por discreto  
seja o burrinho da feira!  
Boa asneira.
- 85 Que os adúlteros adorem  
a alheia mulher, que vêem,  
e não queiram, que também  
outros a sua namorem:  
que então neste caso implorem  
à Justiça, ou à vingança,  
e não queiram sem tardança  
outra ação acusatória!  
Boa história.
- 86 Mas que uma mulher casada,  
sendo o Marido um corisco,  
pondo-se a tamanho risco  
seja louca enamorada:  
que se acaso alguém lhe agrada,  
com marido turbulento  
busque o seu divertimento  
como uma mulher solteira!  
Boa asneira.
- 87 Que ande o moço em mau estado  
podendo nos anos seus  
ser desposado com Deus,  
e não co demo amigado:  
que não tenha outro cuidado,  
mais que em viver absoluto,  
tratando só como bruto  
desta vida transitória!

Boa história.

- 88 Mas que o velho, que renova  
os seus vícios namorando  
vá falar à Dama, quando  
anda cos pés para a cova:  
que este mesmo com corcova  
queira ser galã narciso  
motivando a gente a riso,  
cacundo em grande maneira!  
Boa asneira.
- 89 Que haja muitos medianeiros  
do mal, que chamam francês  
os quais em bom português  
dos pecados são terceiros:  
que estes muito lambareiros  
tenham com todos caída,  
e levem tão boa vida,  
sendo tão criminatória!  
Boa história.
- 90 Mas que estes pobres tolinhos,  
de que tratos há do mundo,  
caiam no inferno profundo  
pelas culpas dos vizinhos:  
que por tão feios caminhos  
sejam solicitadores,  
e se façam Lavradores  
de uma infernal sementeira!  
Boa asneira.
- 91 Que os valentões arrojados  
andem feitos tranca-ruas  
com suas espadas nuas  
comendo a gente a bocados:  
que os Ministros alentados  
se os prendam, quais delinqüentes,  
digam, que estão inocentes  
na sentença executória!  
Boa história.
- 92 Mas que outros andem de noite,  
morando perto o Juiz,  
roubando, como se diz,  
dando em todos muito açoite:  
e não haja, quem se afoite  
com quadrilhas agarrá-los,  
para um algoz cavalgá-los  
com capuz, e com coleira!  
Boa asneira.
- 93 Que alguns, bem que os não encanta  
a música celestial,

gastem todo o cabedal  
em bons passos de garganta:  
que os tais com gula, que espanta,  
se o mundo fora guisado  
o comeram de um bocado,  
qual pequena pepitória!  
Boa história.

94 Mas que haja, quem facilmente  
dinheiro fie dos tais,  
que vai para o vós reais  
logo todo incontinente:  
que o credor cuide contente,  
que bem empregado está,  
estando o dinheiro já  
em casa da confeitira!  
Boa asneira.

95 Que andem muitos à porfia,  
que merecem muito açoite,  
fazendo do dia noite,  
da noite fazendo dia:  
que durmam com demasia  
té o dia anoitecer,  
querendo assim bem viver,  
mas com vida implicatória!  
Boa história.

96 Mas que outros com muito espanto  
trabalhem sempre à porfia,  
isto todo o santo dia,  
inda sendo o dia Santo:  
que tenham trabalho tanto  
para poder ajuntar,  
não tendo para testar  
nem herdeiro, nem herdeira!  
Boa asneira.

97 Que haja alguns, que se consomem  
inda com vício mais feio,  
que por não comer o alheio  
logo de inveja se comem:  
que sua ambição não domem,  
e que dos outros o aumento  
aos tais sirva de tormento  
com pena meditatória!  
Boa história.

98 Mas que outros, que se desfazem,  
porque não têm sendo nobres,  
façam muito por ser pobres,  
isto porque nada fazem:  
que com fome estes se abrasem,  
que tanto mal ocasiona,

sendo a preguiça potrona  
da pobre da companheira!  
Boa asneira.

99 Que alguém que aqui se consome  
com a sátira abundante,  
diga, que está mui picante,  
mas quem se queima, alhos come:  
que este por si mesmo a tome,  
quando eu falando bem claro,  
a ninguém hoje declaro  
nesta carta monitória!  
Boa história.

100 Mas que outros por vários modos  
satirizem muito bem,  
e sem monir a ninguém  
queiram declarar a todos  
que estes tais com mil apodos  
assim queiram ganhar fama,  
quando a dos outros se infama,  
levantada tal poeira!  
Boa asneira.

101 Que haja sem livros Letrado,  
homem, que é pobre, com teima,  
poeta, sem muita fleima,  
e sem muleta aleijado:  
que haja sem funda quebrado,  
estudante sem estudo,  
cavalheiro sem escudo,  
e mestre sem palmatória!  
Boa história.

102 Mas que haja nos fracos ira,  
e nos que são pobres gula,  
que haja médico sem mula,  
e fidalgo com mentira:  
que haja espingarda sem mira,  
sem tesoura cirurgião,  
com partidos matassão,  
e sem contas merceeira!  
Boa asneira.

103 E que eu também queira enfim  
no poético exercício,  
que entre outros do mesmo ofício  
algum diga bem a mim:  
que não tema algum malsim,  
que fiscalize os meus versos,  
e com apodos diversos  
diga, que têm muita escória!  
Boa história.

- 104 Mas que eu mesmo furibundo  
nisto, que hoje aqui pertendo,  
quando a mim me não entendo,  
intente emendar o mundo:  
que não tendo muito fundo,  
para que possa falar,  
quanto mais para emendar,  
fundar tais acentos queira!  
Boa asneira.
- 105 Que os consoantes se acabem,  
tendo eu muito, que escrever,  
e de outros mais que dizer,  
para que nenhuns se gabem:  
que as cousas, que aqui não cabem,  
eu as haja de calar,  
porque as não pode explicar  
minha Musa exortatória!  
Boa história.
- 106 Mas que eu fizesse hoje estudo  
para cousas importantes,  
por estéreis consoantes,  
que não podem dizer tudo:  
que algum diga carrancudo,  
quando escrevo para todos,  
que não falo em cultos modos,  
mas em frase corriqueira!  
Boa asneira.